

Monte da Sé, no Porto

A gravura que publicâmos é cópia de uma photographia da excellente collecção do sr. Seabra. Representa o monte da sé, ou aquella parte da cidade do Porto em que avultam o seminario episcopal, o paço do bispo, e a sé. A vista foi tirada do lado de Villa Nova de Gaia, ao qual pertence o primeiro plano da gravura.

O edificio do seminario episcopal era o antigo collegio dos jesuitas da invocação de S. Lourenço. A companhia de Jesus entrou em Portugal no anno de 1540. Fundou o seu primeiro collegio em Coimbra, correndo o anno de 1542, e no de 1560 estabeleceu o sexto collegio no Porto, junto á Ribeira, com o auxilio e donativos do cardeal infante D. Henrique, do bispo do Porto D. Rodrigo Pinheiro, e de mais algumas pessoas nobres. Apesar de tudo isto, a construcção foi mesquinha e apertada, naturalmente porque os jesuitas, receosos da opposição popular pelo que se tinha passado na fundação de alguns dos outros collegios, não quizeram excitar a animadversão do póvo, e a de algumas ordens religiosas, que lhes eram hostis, com uma edificação grandiosa. O que é certo é que, passados alguns annos, trataram de obter mais commoda e mais ampla habitação, dando principio a outro collegio, a pouca distancia do primeiro, na *rua das Aldas*, a mais de meia encosta do monte da sé, portanto em logar mais elevado, e de vistas desafogadas.

Concorreu para esta obra com tão grossas quantias o balio de Leça, fr. Luiz Alvares de Tavora, que ficou com as honras de fundador, sendo-lhe dada a capella-mór do templo para sua sepultura. Mudaram-se os jesuitas para o novo edificio em 1577, abandonando o antigo, mas levando d'este para aquelle a invocação de S. Lourenço.

Extincta e expulsa de Portugal a companhia de Jesus, e confiscados para a coroa todos os seus bens em 1759, deu o governo diversos destinos aos seus collegios. O de S. Lourenço foi, entre outros, doado á universidade de Coimbra para augmento da sua dotação. Passados vinte annos vendeu-o a universidade á ordem dos agostinhos descalços, cujos religiosos tomaram posse d'elle no anno de 1780. Possuiram-n'o cincoenta e quatro annos, ao cabo dos quaes ficou devoluto o convento pela suppressão das ordens religiosas em 1834. Achava-se o edificio em bastante ruina, quando foi escolhido para assento do seminario episcopal, pelo que foi necessario proceder-se a muitas obras de reparo e reconstrucção. Tem uma vasta egreja com elevadissima frontaria, toda de pedra lavrada,

mas tanto uma como outra sem bellezas d'architectura.

O paço do bispo fica superior ao seminario, e perto d'elle, e da sé. É obra do bispo do Porto D. Fr. João Raphael de Mendoça, filho de Nuno de Mendoça, quarto conde de Val de Reis, o qual, sendo monge de S. Jeronymo no convento de Belem, foi eleito bispo do Porto em maio de 1771, e fez a sua entrada n'aquella cidade em janeiro de 1772. Este prelado edificou o paço desde os alicerces no mesmo logar do antigo, que mandou demolir inteiramente, não só pelo seu estado de ruina, mas tambem por ser de acanhadas dimensões.

Esta ultima circunstancia era devida á sua muita antiguidade, pois que nos primeiros tempos da monarchia, e ainda até aos principios do seculo XV eram desconhecidas entre nós todas as praticas do luxo. Os prelados, como os soberanos, viviam modestamente em seus paços com pouca familia. A maior parte da criadagem que seguia o monarcha, mais para o acompanhar nos actos publicos da corte, que para ostentação particular, era sempre aposentada em casas fóra do paço, attenta a pequenez d'este.

Era logar muito historico o velho palacio episcopal, por quanto, além de varios synodos que ahi se celebraram, e de outros factos notaveis dos annaes da cidade, n'elle se festejaram as bodas del-rei D. João I com a rainha D. Filippa, no dia 2 de fevereiro de 1387, habitando por algum tempo n'este palacio os ditos soberanos, e os duques de Lencastre, João de Gant, filho de Duarte III, rei de Inglaterra, e D. Branca de Lencastre, sua esposa, paes da rainha D. Filippa.

Progrediram com bastante rapidez as obras do novo paço episcopal, em relação á sua grandeza; todavia não logrou o fundador vêl-o concluido, apesar dos seus esforços, e das avultadas sommas que dispendeu em todo o longo decurso do seu governo. Os seus successores pouco fizeram para o acabamento do edificio, de modo que pararam de todo os trabalhos, ficando apenas completa a frente principal, e pouco mais de um terço da fachada do lado de oeste.

É este palacio um edificio grandioso, e de mui sólida construcção. Como está edificado em terreno desegual, as suas fachadas diversificam em altura e numero de andares. A principal deita para um pateo ou terreiro, que está proximo da sé. Esta fachada tem de altura quasi 17 metros, e de comprimento pouco menos de 62. Tem um grande portico de entrada, com uns 7 metros de altura, e com treze janellas em cada um dos andares superiores, tendo seis de cada lado do portal. Sobre a janella do centro do andar nobre vê-se o escudo de armas do fundador, que é o brazão dos condes de Val de Reis, cuja familia tem actualmente por chefe o sr. duque de Loulé.

A frontaria de oeste apenas tem acabadas as cinco janellas em cada andar contiguas á fachada principal. A sua altura, n'esta parte concluida, é de 38 metros. O comprimento é pouco menor que o da outra frontaria, pois que esta tem uma janella de mais em cada andar. Devia ter esta frente de oeste sete andares, ou pavimentos, entrando n'esta conta os subterraneos. Assim mesmo por concluir, abrem-se n'ella sessenta e seis janellas.

A fachada do sul cae sobre o jardim. Mede uns 76 metros de comprimento, com oitenta e nove janellas em cinco andares. Acha-se tambem incompleta.

Encerra o paço grandes salas, uma boa casa de livraria, excellente capella, e, sobresaíndo a tudo isto em magnificencia, a escada que conduz ao andar nobre.

D. Fr. João Raphael de Mendoça dera carta branca ao architecto, e este, aproveitando-se d'ella á portugueza, traçou um palacio tão vasto, que, se estivera acabado, podia alojar commodamente uma familia soberana. A escada corresponde á grandeza do edificio, e seria digna de uma habitação real, se não pela riqueza dos ornamentos, pela magestade da construcção.

O bombardeamento contra a cidade, durante o cêrco de 1832 e 1833, causou bastantes estragos no paço episcopal; porém o bispo, D. Jeronymo da Costa Rebello, mandou reparar e alindar a parte habitavel do edificio, e fez restaurar as pinturas da escada, ficando esta como nova.

Quanto á sé, já publicámos n'este semanario dois pequenos artigos, que acompanham duas gravuras representando a fachada lateral do templo e o claustro. Podem, portanto, os nossos leitores ver o que dissemos sobre a fundação d'esta cathedral, e ácerca dos diversos typos de architectura que ella apresenta, a pag. 2 e 97 do vol. IV. Esperâmos occasião mais opportuna para tornarmos a tratar d'este monumento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XVI

O VELHO ANABAPTISTA

Estavam sentados á porta de uma estalagem, nos arredores de Molsheim, e cercando uma mesa rustica, muitos camponezes, que provavam, pelo modo de fallar, que não tinham sido parcos no consumo da cerveja e da aguardente.

O amphytrião, que se dava a conhecer pelo cuidado com que não deixava parar copo algum vasio, era um rapaz no vigor da edade, mas em cuja physionomia cheia de rugas se liam os indicios de paixões violentas. Parecia pelo trajar mais operario do que homem de campo.

Mandára vir uma garrafa de aguardente de cerejas, com que queria brindar ainda os seus companheiros, quando um d'estes, que estava lançando a vista pela estrada fóra, exclamou de repente:

— Mandem vir mais um copo, que ahi chega o tio Salomão.

— O velho anabaptista! — repetiram todas as vozes.

— Arranjem-lhe logar, exclamou o que pagava a festa; quero beber com o tio *Juizo*.

Aquelle que assim annunciavam era um homem já edoso, que trazia o vestuario antigo e severo de que usavam os anabaptistas. Andava sem precipitação, mas sem vagar, com passo firme, e encostando-se a um cajado de pilriteiro. Quando chegou ao alcance da falla, entraram todos a chamar por elle, e o operario que fazia a festa levantou-se para lhe ir ao encontro.

— Adeus, André, disse o velho amigavelmente; adeus, Estevão; adeus, rapazes! Então é assim que rezam as orações do domingo?

— E o tio Salomão de que templo vem, perguntou-lhe Estevão, d'esses lados das terras?

— Venho do grande templo, meus filhos, tornou-lhe o anabaptista, onde são incensos os perfumes dos campos, e alleluias as vozes magestosas da creação.

— Vem de visitar as suas terras, pelo que vejo, replicou André; pois sente-se agora, e dê-nos noticias dos seus trigos. Que tal vem saíndo?

— Direi; mas tambem queria que me dissessem como é que estão hoje por aqui, continuou o velho anabaptista, sentando-se no logar que lhe tinham offerecido. Então o moinho do sr. Ritter já não precisa de ti, André?

— Que leve a breca o Ritter e o seu moinho, exclamou este, turvando-se-lhe o rosto com a pergunta do velho. Dá-se-me tanto d'elles, como do que vae agora na lua.

— Desavir-te-hias com teu patrão, meu filho? — perguntou-lhe o anabaptista.

— Já não tenho patrão, tio Juizo, replicou o operario novamente; desde hontem deixei o moinho, e oxalá que n'elle se moam os ossos do dono; era o peior grão que podiam deitar á mó.

Entrou então a contar ao velho as razões de queixa que tinham feito com que se despedisse do moinho, que estava dirigindo havia mais de dez annos, semeando a sua narração de injurias e de imprecações contra o dono do moinho, a quem chamava ingrato.

Depois de o ter ouvido tranquillamente, o anabaptista baixou a cabeça.

— *Bebeste o vinho da colera*, André, e estás vendo dobrados os aggravos de teu patrão. Tudo o que acabaste de dizer só me prova, no fim de contas, que estás desoccupado.

— E cuida, porventura, que fui eu quem ficou de peior partido? Vá perguntar ao Ritter o que elle diz. Ficou com metade das mós por trabalhar, e, por conseguinte, a perder cincoenta escudos por cada dia que vae passando assim; e bem sabe que tirarem-lhe cincoenta escudos é arrancarem-lhe cincoenta bocados de carne. O velho sovina ha de adoecer de raiva em pouco tempo, e não muito depois ha de ficar arruinado. E é por isso que eu estou contente, tio Salomão; a desgraça dos maus deve alegrar os bons rapazes. Vamos lá, leva arriba os copos, vamos beber á ruina do tal judeu do moleiro.

O anabaptista evitou corresponder ao convite de André, e perguntou-lhe o que tencionava fazer.

— Eu, respondeu-lhe este, quero viver como um homem abastado. Ritter não teve remedio senão ajustar contas commigo, e recheiou-me a algibeira de grande. Em quanto durar o dinheiro quero vida regalada.

— E, pelo que vejo, começaste hoje, disse o anabaptista.

— Tal qual, tio Salomão, proseguiu o operario cuja lingua começava já a prender-se; hoje ha de ver-se o fundo a quantos barris houver n'esta casa. Olá, estalajadeiro, taberneiro, ou o que quer que o valha! E não ha já coisa nenhuma que se beba? Traga d'ahi algum licor que adoce o estomago do tio Juizo.

Este, porém, depois de ter bebido aos goles, uns dois dedos, se tanto, da aguardente de cerejas, que lhe tinham deitado no copo, preparava-se para seguir caminho. André quiz demoral-o por força.

— Fique, tio, fique; dá sempre prazer e proveito ouvil-o conversar.

— Fique, disse d'alli outro, cante-nos algum hymno velho da nossa Allemanha.

— Ou então conte-nos alguma historia da biblia, accrescentou outro.

O velho anabaptista ainda tentou desculpar-se; porém não lhe admittiram as desculpas; tiraram-lhe, quasi de repente, chapeo e pau, e fizeram-n'o sentar outra vez junto a André.

O velho cedeu sem má vontade a esta especie de benevolencia violenta.

— Não ha remedio senão ceder á mocidade, exclamou alegremente; mas, já que me querem por força, hão de soffrer-lhe as consequencias, hão de me ouvir os sermões.

— Pois pregue o seu sermão, pregue, que estamos promptos a ouvil-o, disseram todos a uma voz.

Esta boa vontade era justificada sobejamente pelo conhecimento que tinham, André e seus companheiros, das lições do velho. O que elle chamava os seus sermões eram, as mais das vezes, anecdotas ou parabolas, extrahidas dos livros santos, e das quaes sabia sempre tirar alguma conclusão moral. Mesmo aquelles que não estavam resolvidos a aproveitar os conselhos do velho, gostavam de lhe ouvir as historias, ditas, como os contos á lareira, natural e pittorescamente. Para estes ultimos o tio Salomão era uma especie de chronista de aldeia, cujas invenções deleitavam a curiosidade quando não esclareciam a razão.

André renovou o vinho dos copos, os commensaes encostaram-se todos para ouvirem mais a seu commodo, e o velho tomou a palavra.

— Não vos contarei hoje nem as lendas da terra, nem historias de livros santos; era coisa séria de mais para quem mudou a egreja para a porta da taberna; tratal-os-hei como crianças, e contar-lhes-hei uma historia com que as amas costumam acalentar os seus amamentados para as bandas de além-Rheno.

«Era, pois, n'outros tempos, em que tudo corria muito melhor do que hoje, e em Manheim havia um rapaz chamado Otto, intelligente e ousado, mas que não sabia pôr freio aos seus desejos. Quando queria qualquer coisa, nada havia que o detivesse antes de a obter, e as suas paixões similhavam os ventos de tempestade, os quaes atravessam rios, valles e montanhas, despedaçando tudo quanto encontram na sua passagem.

«Enfastiando-lhe a vida socegada que passava em Manheim, fez projecto um dia de partir para uma longa viagem, na qual contava encontrar felicidade e alegria. Entrouxou o seu fato, recolheu n'um cinto quanto dinheiro tinha, e metteu-se ao caminho, sem saber ao certo onde iria parar.

«Passados muitos dias de viagem, achou-se á entrada de uma floresta, que se prolongava diante d'elle a perder de vista.

«Tres viajantes estavam paradas á entrada, e pareciam preparar-se tambem para a atravessarem.

«Uma d'ellas era uma mulher de estatura elevada, de porte altivo, de ares ameaçadores, e com uma lança na mão; outra era uma rapariga meio adormecida, que seguia viagem n'um carro puxado por quatro bois; e a terceira uma mulher coberta de farrapos, e de olhar desvairado.

«Otto comprimentou-as, perguntando-lhes se conheciam bem a floresta; e com a resposta affirmativa pediu-lhes que lhe permittissem seguil-as para se não perder. Consentiram todas tres, e pozeram-se a caminho com o rapaz.

«Percebeu este logo que as suas companheiras de caminho tinham poderes que Deus não concede ás creaturas mortaes; mas nem por isso teve medo nenhum, e foi andando de conversação com as tres desconhecidas.

«Havia muitas horas que seguiam o caminho que ia por debaixo das arvores, quando se ouviu o tropel de um cavallo que vinha após elles. Voltou-se Otto, e reconheceu um cidadão de Manheim, que fôra sempre o seu maior inimigo, e que já o odiava havia muitos annos.

«O cidadão aproximou-se de Otto, lançou-lhe um sorriso insolente, e seguiu ávante.

«Toda a colera de Otto despertou.

— «Pelo santo nome de Deus, dava quanto possuo e parte do que hei de vir a possuir, para me poder vingar do orgulho e da maldade d'este homem.

— «Se não queres mais nada, essa vontade posso eu fazer-te, disse a dama da estatura elevada, e que ia com a lança na mão; queres tu que o transforme n'um mendigo, cego e tolhido? Paga-me o preço da transformação, e é obra de momento.

— «E que preço é? — perguntou Otto precipitadamente.

— «É o teu olho direito.

— «Pela minha alma, que de boa vontade o déra, se conseguisse uma vingança completa.

«Não acabára de fallar, e já a mudança annunciada pela sua companheira de jornada se operára no opulento habitante de Manheim, mas Otto achava-se cego de um olho.

«Ficou a principio um pouco sobresaltado, mas

consolou-se logo de ter perdido um olho; porque lhe restava outro para presenciar a desgraça do seu inimigo.

«Foram continuando, entretanto, a andar muitas horas ainda sem verem o fim á floresta; o caminho ia sendo cada vez mais montanhoso e mais difficil. Otto, que já começava a cançar-se, olhou com certa inveja para o carro em que ia a rapariga meio deitada. Estava feito com tanta perfeição, que os covões do caminho não lhe produziam o menor solavanco.

—«Todos os caminhos devem parecer curtos e commodos n'esse carro, disse elle aproximando-se, e muito desejaria eu ter um similhante.

—«Se não queres mais nada, esse desejo te satisfaço eu n'um momento—disse-lhe a segunda viajante.

«Bateu com o pé no carro em que ia, que pareceu desdobrar-se, vendo Otto ao lado do primeiro outro egual puxado por uma junta de bois negros.

«Tornando a si do seu espanto, agradeceu á rapariga, e preparava-se para subir para o carro, quando ella o deteve com um gesto.

—«Satisfiz o vosso desejo, disse-lhe, mas não hei de fazer peior negocio do que minha irmã; déste-lhe um olho, quero um braço.

«Otto ao principio ficou um pouco desconcertado; mas o cançaço ia entrando com elle; tinha o carro diante de si, e elle, conforme vos disse já, não sabia refrear os seus desejos; acceitou pois o contrato depois de curta hesitação, e achou-se por consequencia no seu trem novo, mas sem o braço direito.

«A viagem continuou d'esta fórma por algum tempo, e o bosque continuava sempre, sem dar esperanças de acabar. Mas a séde e a fome começavam a atormentar Otto. A velha que ia após elle entrou a perceber o estado do pobre moço.

—«Ides entristecendo, meu rapaz; quando o estomago está vasio o desalento não vem longe; mas eu tenho remedio certo contra a necessidade e contra o abatimento.

—«Qual é elle?—perguntou-lhe o rapaz.

—«Vêdes este frasco, que repetidas vezes chego aos labios?—replicou a viajante; encerra a alegria, o esquecimento dos trabalhos, e todas as esperanças da terra; quem póde provar o seu conteúdo sente-se feliz immediatamente; e nem por isso sou mais exigente do que minhas irmãs, porque só vos peço em troca metade do vosso cerebro.

«D'esta vez recusou o rapaz. Já o iam assombrando tantos contratos successivos; a velha, porém, deu-lhe a provar o liquido do frasco, que lhe pareceu tão delicioso, que depois de ter resistido por algum tempo, consentiu outra vez.

«O effeito annunciado não se fez esperar; apenas começou a beber entrou a sentir reapparecerem-lhe as forças. Tinha o coração cheio de jubilo e de esperanças, sobrava-lhe confiança; e depois de ter cantado quantas cantigas sabia, foi gradualmente adormecendo em cima do seu carro, sem lhe importar com o que lhe poderia acontecer.

«Quando acordou tinham desapparecido as tres viajantes, e Otto estava sósinho á entrada de uma povoação.

«Quiz levantar-se, mas tinha a metade do corpo paralytica; quiz ver, mas o olho que lhe restava perturbava-se; quiz fallar, mas a lingua entrou a balbuciar, e não póde reunir senão metade das idéas.

«Comprehendeu então a grandeza dos sacrificios que tão levianamente fizera; as tres companheiras de viagem, que a fatalidade lhe mandára, acabavam de o eliminar do numero dos homens que tinham direito a este titulo; maneta, torto, idiota, só lhe restava como recurso ultimo mendigar o pão da caridade até morrer de todo».

N'este ponto da sua historia deteve-se o velho anabaptista; André deu uma pancada na mesa, e soltou uma ruidosa gargalhada.

—Pela minha salvação, exclamou, o tal Otto era um grande pedaço d'asno, tio Salomão; foi bem que lhe acontecesse uma passagem similhante. Mas as tres parceiras de viagem é que eram bem boas almas, não tem duvida nenhuma. Quem me dera saber-lhes os nomes!

—Posso dizer-vol-os já, proseguiu o velho, são bem conhecidos. A mulher do dardo chama-se *Rancor;* a rapariga deitada no carro *Preguiça;* e a velha do frasco *Embriaguez*.

—Comprehendo agora que com taes comadres sempre se ha de fazer negocio ruim; entretanto, sempre estou pela minha: Otto era um grande pedaço d'asno.

—Não digo que não, tornou-lhe o velho, mas alguns conheço eu que nem por isso dão melhores provas de juizo. Que dirieis vós, por exemplo, de um rapaz que, só pelo gosto de ver arruinado o seu patrão, se arrisca a ficar sem logar e sem trabalho? Parece-vos que vê bem as coisas, ou não se haverá dado o caso *de ter vendido já um olho ao rancor?* Accrescentae a isto, que o mesmo rapaz deseja passar vida regalada, o que quer dizer gozar dos prazeres da ociosidade, sem reflectir que, mal se desacostume de trabalhar e se deixe amollecer com a preguiça, não poderá dispor dos *dois braços* que lhe davam antes com que viver. E finalmente, para se consolar do que lhe desagrada, já perdeu na taberna *metade da razão*, e não tardará que perca o resto. Dizei-me pois: se o Otto da minha historia era um pedaço d'asno, o que será aquelle que o imitar?

Os bebedores entraram a rir; André foi o unico que se conservou serio. Deixou retirar o velho sem tentar demoral-o, nem lhe corresponder á despedida. Evidentemente, escandalisára-o a lição. Mas com certos conselhos acontece o mesmo que se dá com alguns remedios muito amargosos; custam a tomar, mas dão saude. André pensou toda a noite na historia de Otto, e no dia seguinte apresentou-se, de manhã cedo, no moinho do seu patrão antigo, onde tomou novamente posse do seu logar, que não devêra nunca ter abandonado.

O FRADE OU HOMEM EM PÉ

Se os contrastes são na vida humana, como nas scenas da natureza, e como em a tela do pintor, o realce de todo o genero de bellezas, a ilha da Madeira tem na infinita variedade de contrastes, que encerra, o complemento do quadro da sua formosura.

Se alli se ostenta a natureza em umas partes com todas as suas pompas e luxo, com todas as graças e attractivos do bello, e com as delicias e suavidade do ameno, em outras partes mostra-se medonha e terrivel, triste nas côres, pavorosa e ameaçadora nas fórmas. Umas vezes estão separadas e distantes estas duas imagens da vida e da morte, como quando no corpo humano o vigor da edade e a robustez da saude distanceiam o principio do fim da existencia. Outras vezes acham-se juntas, e tão travadas uma com a outra, como se quizessem symbolisar a lucta que põe termo a todos os prazeres e dores da humanidade.

Levanta-se toda a ilha em altas serras, cortadas de valles mais ou menos profundos. No interior estão os quadros formosos e amenos, os valles e as encostas tapetados de fina relva e de plantas mimosas, ora regadas pelos arroios que serpêam, ora orvalhadas pelas ribeiras que se debruçam, saltando de rocha em rocha. Estão os bosques frondosos, onde as arvores dos tropicos se entrelaçam com as das regiões temperadas. Estão as vinhas, oriundas da ilha de Chypre, que pro-

duzem o precioso *Madeira*. Estão as plantações da canna de assucar, introduzida outr'ora na ilha pelo illustre infante D. Henrique, duque de Viseu, que a mandou vir da Sicilia, depois abandonada por causa da cultura mais productiva da vinha, e agora novamente apreciada e tratada em attenção aos estragos feitos nas vinhas pelo *oidium*. Em fim, no interior da ilha acham-se o *Jardim da Serra*, a quinta do *Palheiro do Ferreiro*, e outras lindas vivendas, sentadas nos valles, ou no dorso das montanhas.

Na parte externa da ilha varía inteiramente o aspecto da paizagem. Ahi tudo são quadros de sombras escassamente alumiados por frouxos raios de luz. Escarpadas serranias, semeadas de calháos, e nuas de vegetação; quebradas cheias de penhascos; precipicios horriveis eriçados de rochedos de fórmas phantasticas; e a negrura da terra escurecendo ainda mais aquellas penhas e fragas denegridas pelo embate das tempestades, constituem com raras modificações o aspecto exterior da ilha da Madeira. Mas ainda assim não é destituido de bellezas este quadro carregado de horrores, porque lá apparece alguma curiosidade natural que distrahe e captiva a attenção do viajante.

A nossa gravura representa uma das mais notaveis curiosidades naturaes do interior d'aquella ilha, para o norte, copiada de uma photographia. É um rochedo, ou apinhoado de rochas, que offerece á vista, de qualquer lado que se encare, a fórma da estatua colossal de um monge, apenas damnificada pela acção do tempo. É conhecida no paiz pela denominação do *Frade* ou *homem em pé*. Ergue-se sobre um dos pincaros da serra de Sant'Anna, que são escalvados e inhospitos como as encostas das montanhas visinhas ao mar.

I. DE VILHENA BARBOSA.



O frade ou homem em pé, na ilha da Madeira

TRES POETAS

I

Seria uma historia triste de escrever a de todos os poetas que no caminho da gloria encontraram o infortunio, a de todas as aguias que, ao desprenderem o vôo no espaço immenso, baquearam com as azas decepadas pelo gladio da morte prematura, ou roídas pouco a pouco pelo dente frigido da miseria! Seria uma grinalda triste de ver, a de todas essas flores mortas em botão, mortas sem terem desvelado as galas da sua corolla, deixando entrever, para maior tristeza, o quanto ellas seriam esplendidas! Mas qual seria o romeiro que teria o valor de percorrer as cryptas do passado, procurando só as loisas que abrigam a desgraça, e deixando de parte aquellas que desceram lentamente para occultar, na hora propria, os corpos dos que foram felizes na terra, dos que obtiveram todos os sorrisos da ventura, todos os loiros dos triumphos, todos os diademas da ambição!

É mais agradavel, de certo, parar diante d'esses tumulos que a veneração da posteridade quasi converteu em altares, em cujos degraus poisa o anjo da gloria a illuminar as loisas com o seu fulgido nimbo, do que ir procurar a campa solitaria, perdida n'um canto da alameda funebre, cujo caminho é de poucos conhecido, e onde se encontra apenas o pallido archanjo do infortunio, envolvendo ainda nos escuros véos o cadaver do seu filho predilecto.

E comtudo, quem assim fizesse, quem evocasse piedoso as sombras tristes d'esses martyres da poesia, havia de formar de certo uma sympathica phalange, uma legião sublime, nos peitos de cujos legionarios veria fulgurar a chamma sagrada, a columna de fogo intimo, que áquelles que illumina guia á conquista d'essa risonha e prestigiosa Chanaan, que se chama gloria! Ler-lhes-hia na fronte a segura promessa de que, se a má fortuna os não prostrasse nos primeiros combates, obteriam prompta e justificadamente o bastão de marechal, que a sorte caprichosa depõe muitas vezes antes na mão dos mais felizes que dos mais talentosos.

Seria comtudo necessario ter cautela na evocação, para não confundir os verdadeiros com os falsos martyres. Tambem ha oiropel no infortunio! Tambem alguns, cegamente impellidos por uma supposta vocação, revestiram a tunica do martyrio, e caíram victi-

mas d'uma religião, em que eram completamente profanos. Lastimemos esses ainda mais do que os outros; porque a hora da justiça sôa tarde ou cedo, e a posteridade não lhes concede a verde palma que sanctifica o soffrimento. Tiveram o martyrio sem ter a recompensa.

Mas, ainda mesmo estremando escrupulosamente os genios, não seria limitada a lista dos robustos gladiadores que baquearam na arena, quando iam fazer brotar os applausos da multidão, e que assim só obtiveram a indifferença do publico, prompto sempre a formar o cortejo do triumphador, e a ver passar friamente o funeral dos bravos que conquistaram a morte, momentos antes de conquistarem a victoria.

Ninguem se tem abalançado a essa empreza, e, se os varões illustres tiveram o seu Plutarcho, os que o mereciam ser não o tiveram. Falta lamentavel, e comtudo tão propria da natureza humana! Quando a arvore consegue resistir aos tufões, vem revestil-a a primeira camada de cortiça, e depois todos os annos em torno d'esse nucleo uma nova camada se agrupa, até que a arvore revestida de multipla armadura zombe durante seculos do vendaval; mas se o arbusto humilde se curva e cede ao furacão, fica prostrado por terra, e os annos passam sobre elle, sem que o pobre arbusto desenraizado ache um cortix compassivo, que o venha revestir e abrigar!

Assim o poeta, que resiste aos tufões da indifferença, é logo preservado do esquecimento por uma armadura de gloria, cada geração que passa fortifica essa armadura, e consolida a reputação; mas o pobre que baqueou na lucta, raras vezes encontra no futuro mão amiga que o levante e o salve.

Ás vezes um poeta ergue a voz, dá vida nos seus quadros a essas figuras perdidas na sombra da historia, e cinge-lhes a fronte com um reflexo da sua propria aureola; mas o historiador, mas o biographo, mas o critico severo não se dá ao trabalho de avaliar essas tentativas infructuosas, esse primeiro bater de azas da aguia morta ao sair do ninho, embora n'elle se denunciasse o vigor de quem, continuando a carreira, penetraria do primeiro vôo nas espheras do sublime.

No admiravel livro de Alfredo de Vigny, a que elle deu o titulo de *Stello*, apparecem as figuras de tres poetas, todos tres infelizes, todos tres possuindo mais ou menos a chamma do genio, e todos tres prostrados pela morte antes de terem podido revelar ao mundo todo o alcance do seu talento.

Esses tres poetas são Chatterton, Gilbert, e André Chénier.

Quem conhecia Chatterton antes de Vigny fallar n'esse escriptor imberbe? Ninguem. O poeta caíra obscuramente n'um canto da Inglaterra, e, como de costume, a critica não se tinha dignado tratar d'elle, e estudar aquella poderosa individualidade, que não tinha chegado a revelar-se completamente, e que apenas balbuciára as primeiras notas dos seus cantos.

É verdade que o seu balbuciar fôra sublime.

Mas a critica não póde attender a essas minuciosidades.

Felizmente o tumulo ignorado de Chatterton attrahiu a attenção d'um grande escriptor. Este debruçou-se-lhe sobre a loisa, tomou nos braços o cadaver, deu-lhe vida com o fogo do seu genio, e mostrou ao mundo espantado aquella graciosa figura d'um sublime adolescente.

Gilbert não era desconhecido como Chatterton. Comtudo aquelle typo original, que em pleno seculo XVIII soltára um grito, que partíra do coração, no meio dos madrigaes, das allegorias, das tragedias friamente vasadas nos moldes gregos e romanos, em fim, de todos esses arrebiques absurdos que adornavam a litteratura d'então, não tinha ainda um quadro digno d'elle. Deu-lh'o Alfredo de Vigny.

André Chénier, talento vigorosissimo, cujo completo desenvolvimento a morte veiu interromper, arvore decepada em flor na sua primavera, cujos ramos o estio avergaria de admiraveis fructos, tinha, já antes do auctor de *Eloa* o fazer figurar no seu livro, um grandissimo renome; porém as suas poesias quasi todas incompletas, os seus quadros admiraveis sim, mas que não eram senão esbocetos, tinham provocado um certo desdem da critica. Havia quem lhe preferisse seu irmão! talento sem audacia, que nunca ousára sair do trilho vulgar, poeta official, que obtivera da convenção o logar de Tyrteo da republica, com ordenado fixo, e com obrigação de apresentar um hymno em cada festividade nacional!

Alfredo de Vigny collocou os dois irmãos, cada um no seu logar, e poz no primeiro plano, e sobre um grandioso pedestal, a radiante figura do guilhotinado de thermidor.

Estas injustiças não devem continuar por mais tempo. A critica deve poupar á poesia o trabalho de procurar os seus martyres nas catacumbas da historia, e deve afagar com a mesma luz as frontes cingidas dos loiros do Capitolio, e as frontes dignas de o serem, mas que a fatalidade fez cair descoroadas no leito sepulchral.

O estudo que apparece agora nas paginas do *Archivo* é apenas um estimulo para que pennas mais habeis se encarreguem da tarefa, que é, reconheceмol-o, superior ás nossas forças. Tem por fim fazer a apreciação de tres poetas, dois dos quaes foram arrebatados por uma prematura morte ás caricias da gloria, e o outro, sequestrado do mundo no principio da sua carreira, morreu tambem para as letras, e, ai! parece que sem esperança de resurreição.

Esses tres poetas são Luiz Corrêa Caldeira, Soares de Passos, e Lobato Pires.

Corrêa Caldeira apenas chegou a balbuciar a linguagem sublime que, estamos bem certos, elle fallaria depois com immensa superioridade. Comtudo emmudecêra já, antes da morte o arrebatar. Porque? porque os poetas são como os rouxinoes, que não cessam, só quando morrem, os seus hymnos namorados, mas que, presos nas gaiolas, emmudecem tambem. Ai! as tribulações da vida real são gaiolas inflexiveis! e, quando o poeta se vê n'ellas encerrado, debalde tenta levantar a voz. Só a recupera quando lhe restituem o ar e a liberdade.

Corrêa Caldeira morreu antes que lh'a restituissem. As poucas poesias que elle deixou, ou talvez as poucas que eu conheço d'elle, dão-nos o direito a pensar que, se tivesse vida, e podesse desprender livremente o seu genio, havia de occupar um dos mais elevados logares na litteratura contemporanea, como tentaremos mostrar ao leitor nas paginas que se seguem.

Soares de Passos fez mais do que balbuciar, fez mais do que deixar presentir o seu genio, revelou-o claramente no livro que d'elle nos resta. Comtudo, que vastos horisontes não descobriria, se a morte lhe não viesse suspender o vôo! Mas o pequeno volume das suas poesias é já documento sufficiente para que, na funebre lista dos grandes poetas, cujos nomes já pertencem á historia, colloquemos o nome do escriptor portuense logo abaixo do de Garrett. E podêmos asseverar que de certo hombrearia com elle, se a morte lhe não viesse gelar a inspiração.

É grande incontestavelmente o renome de Soares de Passos, mas não é tão grande como o seu merito reclama. Com a sombra do eminente escriptor tem a critica portugueza uma divida em aberto. A mesma *Revista Contemporanea*, tão prompta em dar na sua galeria logar aos grandes vultos nacionaes, pendurou n'ella, é verdade, o retrato de Soares de Passos, mas o logar da biographia ficou vago, e espera-a ha mais

de dois annos! Deus queira que esta humilde tentativa desperte n'algum dos grandes escriptores, que tem occupado a secção biographica da *Revista*, o desejo de encher aquella lacuna vergonhosa para a litteratura nacional.

Isso consolar-me-hia da quéda inevitavel que espera os meus esforços audaciosos.

Lobato Pires, o ultimo dos *tres poetas*, caminhava com passo firme na estrada da gloria. Cada nova poesia revelava um progresso e um progresso grande. Dos primeiros versos que elle publicára na *Revista Popular* á canção que vem no *Amor de poeta*, ha uma distancia tal, que só o genio a poderia vencer! De repente um obstaculo imprevisto fêl-o cair á beira do caminho. Surgirá outra vez, ficará de todo prostrado? O futuro o decidirá.

E, pedindo desculpa aos leitores da extensão d'este prologo, cabeça enorme para um corpo pequenissimo, entro em materia.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 78)

XI

Em 1826 appareceram as *Odes e Balladas*, reunidas em dois volumes, que alcançaram um successo colossal, e collocaram o poeta na primeira linha.

Vemos pelas *Memorias*, que já muitos dos que mais tarde se tornaram bons e festejados escriptores, formavam corte em volta de Victor Hugo, a quem tratavam e consideravam como a mestre. Entre esses verdadeiros e dedicados amigos contavam-se Theophilo Gautier, Alexandre Dumas, Emilio e Antony Deschamps, Béranger, Alfredo de Vigny, Carlos Nodier, Gustavo Planche, Luiz Boulanger, Méry, Sainte-Beuve, Julio Lefebvre, Arnauld Frémy, Eugenio Delacroix, Balzac, e a sra. Tastu.

Por intervenção do duque de Rohan, estabelecêra tambem relações com Lamartine, o maviosissimo poeta — «un jeune homme, grand, à la tournure noble et cavalière» — e por modo que «s'était nouée entre les deux poëtes une amitié que l'absence même ne relâchait pas». [1]

Os grandes triumphos sempre conseguiram excitar as criticas invejosas; os adversarios do poeta, que nem eram poucos, nem pouco importantes, apertavam as fileiras, e tornavam-se cada vez mais perigosos e aggressivos. Chamavam *barbaro* a Victor Hugo quando o accusavam de imitar servilmente a Byron, e de ser rapsodista de Walter Scott.

Para oppor-se a ataques tão injustos quão violentos, o poeta não hesitou: á frente da pleiada de mancebos enthusiastas que o elegêra para chefe, resolveu dar batalha aos poderosos adversarios. O prefacio de *Cromwell* foi uma verdadeira proclamação revolucionaria, nova arte poetica fundada sobre as ruinas da antiga — foi como a profissão de fé da nova eschola.

«Tudo o que está em a natureza está na arte», disse. «O drama resulta da combinação do sublime e do ridiculo; o drama é a expressão da epocha moderna».

Aos dezenove annos tentára Victor Hugo escrever uma peça com Soumet. Tendo-se este declarado contrário á ligação da tragedia com a comedia, e querendo Victor seguir o exemplo de Shakespeare, os dois collaboradores separaram-se. Soumet escreveu a *Emilia*, e o nosso poeta fez o *Amy Robsart*, drama historico moldado no *Castello de Kenilworth*.

O *Amy Robsart*, representado seis annos depois no theatro Odéon, sem nome de auctor, foi pateado. Esta peça tinha sido apresentada por Paulo Foucher, porém Victor Hugo declarou nos jornaes que as passagens rejeitadas pela platéa eram d'elle, e isto levou a revolução ao Odéon. Accorreram os amigos, e quizeram sustentar a peça. As demonstrações contrárias duplicaram, e iam tomando caracter mais serio. O governo prohibiu o drama.

«A Victor Hugo, mais que a outro qualquer, pertence, diz Beauvallet, a gloria de ter alta e francamente proclamado a liberdade da arte, e emancipado a litteratura franceza das ridiculas cadeias classicas que estorvavam o seu desenvolvimento. «Não será o chefe da grande eschola de 1830 o mais vigoroso e o maior tribuno do 89 litterario?»

O maior tribuno! É. Ainda hoje, passados já trinta e quatro annos, Victor Hugo, com o radioso clarão do seu genio, proclama bem alto ao mundo inteiro, que o lê e admira, a origem d'esta litteratura em grandiosa epopéa.

Diz Victor Hugo:

«Somos 89 como 93. A revolução, a revolução inteira, é a origem da litteratura do seculo XIX.

«Fazei o processo a esta litteratura, ou preparaelhe o triumpho; podeis odial-a, ou amal-a, segundo a quantidade de futuro que tendes em vós; podeis ultrajal-a ou saudal-a; importam-lhe pouco as animosidades e os furores! ella é a deducção logica do grande facto chaotico e genesiaco, que os nossos paes viram, e que deu novo ponto de partida ao mundo. Quem é contra este facto, é contra ella; quem é por este facto, é por ella. O que este facto em si vale, vale-o tambem a litteratura». [1]

XII

A casa da rua Notre-Dame-des-Champs tornou-se em breve incommoda para o poeta. Morrêra-lhe o filhinho primogenito; os engenheiros cortavam-lhe as arvores das circumvisinhanças, e tiravam-lhe a solidão e a sombra. Resolveu, por isso, mudar-se para os campos Elysios, rua Jean-Goujon, casa que habitou até 1830.

A publicação das *Orientaes*, em 1829, continuou o que *Cromwell* principiára.

Esta preciosissima collecção, distanciando-o cada vez mais dos outros versificadores, foi recebida com violentissimas criticas e enthusiasticos louvores.

Os successivos triumphos despertaram em Victor Hugo a idéa de começar um trabalho para o theatro francez.

Escreveu *Marion de Lorme*, que primeiro se denominára *Um duello no tempo de Richelieu*. Esta peça fôra enviada ao Theatro Francez depois de ser lida a muitos escriptores que a applaudiram. Era então commissario regio junto ao theatro o barão Taylor. A censura dramatica votou, porém, contra a representação, e o governo sustentou o parecer, por causa do papel que representava Luiz XIII. O ministro Martignac chegou a dizer ao proprio auctor que em Luiz XIII quizera figurar Carlos X.

Victor Hugo dirigiu-se ao rei para se justificar. A conferencia com sua magestade encontra-se referida em bellissimos versos nos *Raios e Sombras*.

Ah! sire, tout est grave en ce siècle où tout penche!
L'art tranquille et puissant veut une allure franche.
Les rois morts sont sa proie, il faut la lui laisser:
Il n'est pas ennemi, pourquoi le courroucer
Et le livrer dans l'ombre à des tortionnaires,
Lui dont la main armée est pleine de tonnerres?

Carlos X não podia deixar de respeitar a memoria de seu antecessor. Manteve a prohibição da censura, e determinou que o auctor da *Marion de Lorme* fosse indemnisado. Victor Hugo tinha o primeiro grau da Legião de Honra e dois mil francos de pensão paga

[1] *Victor Hugo raconté*, tom. I, pag. 104.

[1] *William Shakspeare*, pag. 309.

pelo estado. O governo entendeu que devia elevar-lhe a pensão a seis mil francos. O poeta julgou que lhe cumpria recusar, e assim o participou ao ministro do interior, Bourdonnaye.

O *Journal des Débats*, além de outros periodicos, referiu o facto d'este modo:

«La conduite de mr. Victor Hugo n'étonnera nullement ceux qui le connaissent; mais il est bon que le public sache les nouveaux droits que le jeune poëte vient d'acquérir à son estime».

XIII

Victor Hugo escrevêra *Marion de Lorme* para o barão Taylor. Prometteu-lhe, portanto, outro drama, e compoz *Hernani*. Apesar da opposição de Casimiro Delavigne, o valido auctor do *Marino Faliero*, e, para assim dizer, possuidor da casa de Moliére; e não obstante a opinião da commissão de leitura e das susceptibilidades da censura, o drama romantico foi recebido.

Por occasião dos ensaios occorreram com a celebre actriz Mars algumas contendas, que se acham mencionadas em todas as biographias e nas proprias *Memorias*.

A distincta actriz, no orgulho da sua experiencia e da sua fama, queria obrigar Victor Hugo a emendar os versos como ella os entendia.

— A senhora ha de ter a bondade de ler os versos como eu os escrevi, — dizia o auctor.

— O publico pateará, — acudia Mars.

— Se patear, está no seu direito, — replicava Victor Hugo.

De outra vez a actriz Mars observou que certa palavra não era franceza, e Victor respondeu-lhe apenas:

— *Il le deviendra.*

As impertinencias d'esta actriz não pôde o auctor limitar senão declarando, por fim, que lhe *retiraria o papel*. Era a primeira vez que a tratavam tão desabridamente, e a celebre artista, para não perder o prestigio, teve que ceder. E porque havia deixar de render preito ao genio?

Deu-se a primeira representação do *Hernani* a 26 de fevereiro 1830.

Victor Hugo contava 28 annos.

«Os nossos paes, diz Beauvallet, recordar-se-hão sempre d'aquella noite memoravel, que teve a importancia de uma revolução no theatro. Foi verdadeira batalha. De um lado, os defensores das tradições classicas esmerilhavam cuidadosamente a nova obra, e pateavam sem piedade as palavras desagradaveis, e até aquellas que não comprehendiam; de outro lado, os romanticos tremiam com o enthusiasmo, e applaudiam freneticamente os lances mais ousados. A platéa tornára-se uma arena em que os dois campos muita vez chegaram a brigar. Victor Hugo saíu, em fim, vencedor. Apesar de tudo, e da má vontade da sra. Mars, esta celebre actriz representou magistralmente, e o proprio Casimiro Delavigne foi obrigado a applaudir o *Hernani*».

Os amigos do auctor tinham ido ao theatro capitaneados por Luiz Boulanger e Theophilo Gautier, «quasi criança pela edade e já homem pelo talento». Nas suas fileiras entravam Balzac, Gerard de Nerval, Augusto Maquet, Berlioz e outros.

É digno de menção mais este facto. Para assistir á primeira representação do *Hernani* muitas pessoas importantes se dirigiram a Victor Hugo. Nas *Memorias* encontrâmos cartas de Benjamin Constant, Thiers, Lizinka de Mirbel e Mérimée. [1] Benjamin Constant, por exemplo, fallando tambem em nome de sua esposa, dizia: — «nous aurions comme toute la France un vif désir de voir *Hernani*».

Chateaubriand, no dia seguinte ao da representação, escrevia ao auctor: — «...Je m'en vais, monsieur, et vous venez. Je me recommande au souvenir de votre muse. Une pieuse gloire doit prier pour les morts». [1]

Hernani teve, na primeira serie, quarenta e oito representações consecutivas, padecendo constantemente aggressões mais ou menos apaixonadas, porém muita vez injustissimas, de quasi toda a imprensa periodica, e ao mesmo tempo causando enthusiasmo sincero e frenetico.

XIV

O general Hugo falleceu a 28 de janeiro 1828. Fulminára-o uma apoplexia.

Tinha passado a segundas nupcias e estava reconciliado com seus filhos, de quem por annos se víra inteiramente afastado.

Em 1830, Victor Hugo foi habitar a casa com o n. 6 na praça Real. N'esta casa, mobilada com luxo artistico, recebia os numerosos amigos e os partidarios mais dedicados. As fileiras iam sempre em augmento. Paulo Maurice e Augusto Vacquerie eram dos primeiros. D'elles recebeu inalteravelmente provas de singular affecto, leal amizade e respeitosa veneração. Os novos talentos que se vinham agrupar em volta do mestre, como Alfredo de Musset, Felix Pyat, Julio Sandeau, Leon Gozlan e outros, não deixavam egualmente de revelar-lhe sympathia constante e desinteressada estima.

Victor Hugo tornava-se pensador profundo.

«O enthusiasmo realista do mancebo, diz Beauvallet, desapparecia pouco a pouco, e dava logar a profunda admiração para com o imperador, e a grande amor da liberdade».

«Aos que tenham lido o quinto volume dos *Miseraveis*, depara-se-lhes ahi a historia de Marius, este moço realista por educação, que se tornou napoleonista folheando o *Moniteur*, e liberal frequentando os estudantes do seu tempo. Não encontraria por ventura o poeta similhante historia no recondito de suas recordações? Acaso não estará elle propriamente em scena sob o nome de Marius?»

(Continua) P. W. de Brito Aranha.

[1] *Victor Hugo raconté*, t. II, pag. 304 a 308.

[1] *Victor Hugo raconté*, tom. II, pag. 320.

OS EMPENHOS

Vasco Fernandes Cabral foi um fidalgo de muito valor, e que fez muitos serviços á patria, reinando D. João II. Pretendendo certa mercê, valeu-se do conde de Marialva para a obter, confiado na privança d'este com o monarcha. Conhecia o conde que el-rei era inimigo de empenhos; porém, como a pretenção fosse de toda a justiça, attentos os serviços e bom procedimento do pretendente, animou-se a solicitar o despacho do seu protegido. O soberano, porém, apenas o ouviu, carregando o sobrecenho, respondeu que não, tão seccamente, que não se atreveu o conde a replicar, nem el-rei motivou a recusa.

Passados alguns poucos dias, encontrando-se D. João II com Vasco Fernandes Cabral, chamou-o e disse-lhe:

«Pois tendes mãos para me servir, e não tendes boca para me pedir? Eu vos faço a mercê que pretendeis; mas quero que entendaes que vol-a faço por amor de vós, e não por outro respeito».

Este facto passou-se no principio do reinado de D. João II. Logo depois succedeu outro caso em tudo egual com D. Duarte do Casal, e tantos identicos se repetiram, que acabaram os *empenhos*, que constituem uma das mais graves enfermidades do corpo social, como hoje em dia todos nós presenciâmos e sentimos, e tanto mais grave, quanto é certo achar-se inoculada em nossos costumes. I. de Vilhena Barbosa.